CAÇADA AO PEIXE
PIRÁ-BRASÍLIA
Antonio Virgílio
virtualbooks

CAÇADA AO PIRÁ-BRASÍLIA

ANTONIO VIRGILIO DE ANDRADE

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

www.terra.com.br/virtualbooks

Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
vbooks01@terra.com.br
Rua Benedito Valadares,429 - Centro
CEP 35660-000 - Pará de Minas - MG

CAÇADA AO PIRÁ-BRASÍLIA

COMPÊNDIO:

CAÇADA AO PIRÁ-BRASÍLIA é uma leitura bem-humorada do conto *Os Segredos da Pasta Rosa,* do mesmo autor.

Nesta versão adaptada para o leitor infantil, o tema central é a descoberta do peixe: SYNOBELIAS BOITONEI (pirá-brasília), por um trio de intrépidos amigos que participam de uma inusitada corrida de bicicletas nas trilhas da nascente do Riacho Fundo.

Pelo sim, pelo não, a história reserva grande surpresa e suspense para os leitores. A narrativa destaca o contraste da região e faz um chamamento para a necessidade de projetos de preservação da biodiversidade do ecossistema do cerrado.

Os personagens mirins têm papel preponderante na história. Após experimentarem a emoção de capturarem alevinos de uma espécie desconhecida, participam de uma arriscada excursão às margens do Riacho Fundo na tentativa de salvar o pirá-brasília de mais uma catástrofe ecológica — a construção de uma estrada que irá soterrar um longo trecho de solo alagadiço — ao que tudo leva crer, um dos últimos *habitats* de que se tem notícia desde que foi decretada sua extinção.

É oportuno informar que o synobelias citado nesta história é verdadeiro. Sua existência foi registrada em 1959, mas margens do Lago do Paranoá, pelo biólogo e ecologista Eduardo Kunze.

Para pessoas não afeitas à diversidade da fauna e flora do Planalto Central, algumas citações poderão soar imaginativas ou fantasiosas. No entanto, nossos filhos não terão dificuldades em interpretá-las. Eles fazem parte desta geração que, mal saída da fralda, é capaz de discernir os acontecimentos do presente e do futuro como se fossem dotados de uma visão especial. E, como ninguém, vivem os dias de hoje com muito mais universalidade do saber que nós pretensos adultos.

A.V.A.

Capítulo 1

Conta-se que no Centro-Oeste do Planalto Central Brasileiro – região de clima árido e vegetação de caules retorcidos – o Criador semeou as nascentes das três maiores bacias hidrográficas do Brasil: a do São Francisco, a do Paraná, e a do Tocantins.

Mas pouco se conta que nestas terras de solo árido e condições climáticas de região desértica também floresce outra vegetação de colorido e proporções exuberantes: A MATA CILIAR.

As veredas são o berço dessa vegetação que cresce às margens dos regaços proporcionando ao observador uma visão paradisíaca. Suas árvores chegam a atingir quinze metros de altura e diâmetro de mais de um metro. A mata ciliar, como é conhecida a vegetação ribeirinha, é compacta e quase impenetrável.

As nascentes, regatos de água doce e cristalina, brotam nos baixios da região do cerrado, como se fossem artérias que irrigam o solo ressequido. O veio só não será perene se for ramificação do principal vertedouro do lençol freático. Se, no entanto, esses regatos serpenteiam por entre elevações rochosas e ferem a terra, semeiam vida e escavam pedrarias de valor e beleza invulgar. São riquezas que o progresso ainda não destruiu: um baú de tesouros para as futuras gerações.

Naquele domingo de um certo setembro, a luz que penetrava por entre

as copas da quaresmeira, do pau-d'óleo e do angico perdeu força e nitidez de foco. As manchas de sombra uniram-se num abraço apertado, encobrindo o solo úmido atapetado por folhas ressequidas. O sol desenhou um semicírculo, rumo oeste. A corola dourada foi frechada pelo ápice da colina. E o disco dourado ficou rubro, no seu despencar na linha do horizonte.

Não muito longe dali, a noite já lançava seu delicado véu de ébano. Sorrateiramente, ameaçava colher no riacho o intrépido trio que teimava desafiar o limite das horas do dia. Uma coruja piou no galho do crapiá. E já fazia um bom tempo que a criatura de olhos enormes e enigmáticos seguia os passos dos pequenos visitantes. O corruir foi uma advertência aos incautos. Um aviso de que suas presenças não eram bem-vindas.

A mansidão daquele entardecer era enfadonha. E somente a visitante de menor estatura e cabelos em desalinho deu ouvido ao crocitar daquela sábia criatura. Seu olhar amedrontado denunciava que entendera o recado.

— Vamos para casa, Rogério! — gritou, a pequena Janaína.

— Psiu... Fica quieta sua tagarela! Tô pegando outro peixe.

— Mas, Rogério... Já está anoitecendo!

— Psiu... fica quieta! É só mais uma tentativa...

Por alguns segundos Janaína ficou calada. Desenhou uma figa com os dedos desejando que o irmão fosse feliz no seu intento. Habilidade para pegar peixe com a mão era do que mais precisava. Só que não foi rápido o suficiente, como de outras vezes. Perdeu a presa. Perdeu a oportunidade de capturar um espécime raro de Synobelias.

Entediada, a menina suspirou profundamente. A obstinação do irmão em capturar peixinhos era seu maior descontentamento. Ele não se dava por satisfeito.

Janaína começou a se preocupar com as conseqüências das traquinagens daquele dia. Um corretivo não ficou fora de seus pensamentos. Consultou o relógio e, ficou ainda mais temerosa do que lhe poderia acontecer.

— Esse tal de horário de verão me deixa confusa. Tenho certeza, na semana passada essa hora já seria noite... que saco!, — grunhiu, com voz sumida.

Enquanto tecia seus queixumes contra a adoção do horário de verão, um grito de uma pessoa amiga ecoou na mata:

— Rogério! Rogérioooo!

— Eduardo! Nós estamos aqui, Eduardo. — Janaína tratou de responder pelo irmão.

— Ainda bem... Pensei que tivessem ido embora. E onde está o Rogério?

— Estou aqui, Edu... do outro lado do riacho!

— Você ficou maluco! Que faz nesse atoleiro?

— Tenho certeza que vou vencer a aposta... Você pegou algum peixe?

— Não... nenhum. — respondeu o outro, envergonhado.

— Também... você não sabe pescar! — interveio a menina.

— Onde estão os peixes, Rogério? — quis saber Edu, sem se importar para a rispidez daquela interposição.

O menino que chegara assustado ficou radiante com a proeza do amigo. De tão excitado esqueceu o que viera informar. E Já não era sem tempo. Se os demais companheiros de aventura abandonaram a aposta, não havia mais por que prosseguir com a pescaria. E o que era pior, havia uma motivação muito forte para tomar a mesma decisão: o medo. Aquela tilintação dentro da cabeça, que, pouco a pouco, torna pequenos acontecimentos em monstros assustadores. Qualquer estalido de galho se partindo, ou um simples arfar de folhas tocadas pelo vento proporciona pavor e maus pensamentos. Por esse motivo partiram.

Até o menino mais corajoso já estava se borrando todo, temendo que um lobo pudesse aparecer. Fugiram em polvorosa. Somente Eduardo não tomou parte daquela turma de fujões. Também estava assustado, mas não achou justo abandonar os amigos que se haviam desgarrado do bando.

“Não, essa não era a atitude de um amigo verdadeiro!”, pensou.

— Tenho que encontrá-los!

No povoado corria o boato que quando a noite era de lua cheia, por temer a presença do lobo, o homem do campo abandonava o trabalho de lavrar a terra antes do sol se pôr. Pois, a partir daí, era o lobo quem reinava naquelas paragens. E ninguém se atrevia a transitar por aquelas veredas.

Um lobo que, de fato, ninguém nunca viu deixava enormes pegadas por onde passava. Diziam ter coloração pardo-avermelhada, mais escura no dorso, pés e focinho pretos, com malha branca no pescoço.

Para alguns os boatos de suas aparições não passavam de brincadeiras ou histórias da carochinha. Onde já se viu, uma história tão absurda dessas ter valor nos dias de hoje?

— Isso é tudo invenção!, diziam. — Uma mentira para afastar as pessoas do riacho.

No entanto, nem mesmo estes se atreviam a desacreditar nos boatos e penetrar no território do lobo em noite de lua cheia.

— Onde estão nossos peixes, Rogério? — insistiu Eduardo.

— Estão com minha irmã!

— Me dá os peixes, Janaína. — implorou ele, com a voz trêmula de emoção.

— Não e não! — gritou a menina. — Não vou dar peixe para um molenga como você.

— Sua magricela... Os peixes são meus e do Rogério. Nós somos sócios!

— Mentiroso, os peixes são do meu irmão! E você não é sócio dele coisa nenhuma...

— Sou sim! — ralhou o outro. — Nós somos sócios de pipa, de bola de gude, de figurinhas... E também somos sócios de peixe!

— Sócio... você? Sou eu quem está ajudando o Roge. Os peixes são

meus e dele... e de mais ninguém!

Ciente de que Janaína estava irredutível na sua decisão, Eduardo tratou de ser amigável.

— Está bem, sua boboca... quero só olhar. Não consegui pescar nenhum!

A menina pôs as mãos na cintura e balançou as cadeiras em sinal de deboche. Dando prosseguimento à cena, repreendeu Eduardo com desprezo:

— Quem manda você ser tão esquisito, meu filho... Quando entra na água até os peixes fogem apavorados com sua feiúra!

Eduardo levantou a mão para baixá-la com a força de um cascudo. Janaína gritou, exigindo proteção do irmão. Sabia que ele não lhe faltaria.

— Roge, esse moleque quer me bater!

— Pô! Eduardo... Já te avisei mil vezes para não tocar na minha irmã!

— Eu não fiz nada, ela está com manha!

— Fez sim! Ele me deu um cascudo... e com força! — afagou a cabeça, como prova da sua versão.

Mais que depressa, Eduardo se protegeu atrás de uma árvore. E Rogério, com a feição carrancuda, saiu do riacho esbravejando. Assumiu o papel de irmão mais velho. Seu código de boas maneiras não previa a possibilidade dos amigos tocarem num só fio de cabelo da irmã. Disso o outro bem o sabia.

— Vamos embora! – gritou, ele. — Vocês espantaram os peixes!

— É culpa da sua irmã, Rogério...

— Pára de chorar, sua manteiga derretida!

— Mas ele me bateu!

— Bati não, Rogério. — defendeu-se o outro, com medo de briga. — Essa boboca está fingindo choro...

— Pára de chorar, Janaína. Se você ficar com os olhos vermelhos, a mamãe vai querer saber o que aconteceu.

— Então, vamos embora. Prometo não chorar.

— Onde está o resto da turma, Edu? — quis saber, Rogério.

— Eles fugiram...! Estava com medo do lobo aparecer.

— Que lobo que nada! Aqueles maricas fugiram da aposta... E por que você não foi com eles, Edu?

— Sou teu amigo... se a gente veio junto, temos que voltar juntos!

— Valeu, amigo, faria o mesmo por você.

— Vamos parar com essa conversa e vamos embora, gente... Já são dezenove horas! — advertiu a menina.

— Já é tão tarde assim! – indagou Eduardo. — Se for verdade, quando chegar em casa, vou apanhar!

— Tá vendo, Rogério... Nós também vamos apanhar! — dramatizou ela, fazendo outra cara de choro.

— Fiquem quietos! Conheço um atalho que vai levar a gente em casa num passe de mágica!

— Ah, é... — intercedeu o amigo. —...me conta desde quando você virou mágico?

— Eu conheço uma trilha... — anunciou o outro. — Vamos encurtar o caminho se voltarmos pela trilha do morro.

— E o paredão? — quis saber Eduardo.

— Ora, vai ser moleza!

— E as chácaras do outro lado? — insistiu, ele.

— Ora, deixa de ser maricas! Se o dono estiver lá, é só pedir permissão... Tenho certeza que vamos varar do outro lado sem nenhum problema.

— E as bicicletas? — entrou na conversa a menina.

— Bom... a gente vai ter que carregar nas costas. Só vai dar para montar quando sairmos do outro lado.

E assim fizeram. Mas não foi uma travessia tão fácil como previram. A trilha escolhida possuía muito mais obstáculos do que poderiam imaginar. O solo arenoso, coberto de pedras pontiagudas, feria a sola do pé. A vegetação espinhosa conhecida como arranha-gato cresceu por todos os lados beneficiada pela última queimada. Se alguém se enroscava numa touceira, o gemido do coitado logo era escutado pelos demais. O socorro era imediato. E quem estava enroscado era obrigado a retroceder, pé ante pé.

Os espinhos do arranha-gato eram pequenos e quase invisíveis. No entanto deixavam profundos sulcos na pele e uma dorzinha queimando feito fogo.

Mas o pior de tudo ainda estava para acontecer. A encosta do paredão rochoso não possibilitava fácil escalada. Era íngreme. Muito mais íngreme do que podiam imaginar. E nenhum deles estava preparado para tanto esforço e sacrifício.

Quando atingiram o sopé do paredão, o trio se entreolhou, como se fizesse um juramento de que todos levariam aquela empreitada até o fim. Acontecesse o que acontecesse, ninguém seria abandonado. Cada qual daria sua cota de ajuda a quem quer que estivesse logo atrás. Seria questão de jeito e união.

E lá foram eles, um de cada vez, em fila indiana. Primeiro a mão, depois o pé. Puxa uma roda daqui, puxa outra dali... grudados no paredão como se fossem moscas no torrão de açúcar. Arranha daqui, arranha dali, o maior na frente, o menor atrás. Se alguém escorregasse, o outro o ajudava: e assim, ninguém se desgrudava.

Era uma escalada penosa. Mas não faltou solidariedade e companheirismo entre os amigos. Pouco a pouco o sol começou a mergulhar na linha do horizonte. As crianças previram que era preciso correr contra o tempo. Já não havia como retroceder. Quando um fraquejava, o outro gritava:

— Não pára, gente... logo vai escurecer!

Naquela escalada, Eduardo era o que mais reclamava. Resmungava que sua bicicleta ficaria arranhada. E, por esse motivo, apanharia em dobro. Pelo atraso e pelo descascado na pintura.

Janaína só chorou uma única vez quando arranhou o joelho. Mas logo voltou a sorrir. Viu Eduardo quase pelado quando o calção ficou preso numa

pedra pontiaguda.

Rogério era o guia da escalada e não queria perder tempo com brincadeira, como cabia a ele puxar as bicicletas, era o mais cansado. Mas conseguiu se superar. Era o líder. E cabe ao líder dar bons exemplos para ganhar os respeito dos comandados.

— Uma mão lava a outra, e as duas lavam a cara, gente!, — recitava ele, recordando-se de um velho bordão do avô.

Finalmente, após vinte minutos de agonia, venceram o trecho íngreme do paredão. Estavam exaustos. A respiração apressada e as pernas trêmulas, o corpo pedindo cama. Deitaram no chão para melhor desfrutarem do repouso merecido, e assim ficaram até sentirem os músculos ganhar vigor.

No topo do penhasco soprava uma brisa morna, acariciando a pele suada. O quebrava por detrás da linha do horizonte e não mais turvavam a visão. E lá longe, no quadrante norte, a noite se precipitou por sobre a região ribeirinha apagando o verde da vegetação. Os animais diurnos buscaram refúgio, os noturnos despertaram. Abandonaram suas tocas para procurar alimento.

Não muito longe dali, um uivo varou as frestas da construção de pau a pique, causando arrepio no lavrador. O homem que saboreava o jantar correu, soltou o cão de guarda e trancou as galinhas, temendo a presença daquele visitante indesejado. Ele já estava calejado de tanto saber: o lobo estava a caminho.

Enquanto isso, na borda do penhasco, o trio se regozijava por ter alcançado a salvo o cume da colina. E agora, apreciavam a paisagem paradisíaca com deslumbramento e alegria. A vista podia alcançar grandes distâncias. Podiam observar a zona seca, com suas árvores tortas e ressequidas e a zona úmida, onde florescia a vegetação ribeirinha.

No topo do penhasco os raios de sol ainda tingiam a vegetação rasteira de brilho viscoso. E, no sopé do paredão, minúsculos fachos de luz piscavam no meio da vegetação qual estrelas caídas do céu. Era uma visão única e invulgar, o caleidoscópio de luz e cor hipnotizava os observadores. Eles nunca haviam visto nada igual.

Dali, onde aguardam o transcorrer dos últimos minutos e segundos das horas diurnas, podiam observar as mudanças que as duas situações cotidianas produzem na região. Podiam observar, por uma inconsistente e tênue linha imaginária que, pouco a pouco, o breu da noite se encaminhava naquela direção apagando o que restava da luz do sol. Partiram, enquanto era tempo.

Capítulo 2

Cavalgando bólidos reluzentes, três intrépidos ciclistas desafiam os limites da velocidade. Cruzam a praça. Avançam por sobre a calçada tirando tinta dos portões. Cães ladram, e os velocistas seguem em frente sem dar atenção à matilha.

O buldogue do senhor Carlos, dono da padaria da esquina, fica rouco de tanto rosnar. O latido do poodle da manicura Raimunda não é suficientemente ameaçador para se fazer notar e ficou ainda mais raivoso por esse motivo. O chihuahua da dona Terezinha, professora aposentada, atravessa pela fresta do portão e corre atrás das rodas de aro reluzente. O vira-lata Catanha, que dormia na porta do bazar, sai em disparada temendo ser atropelado pela trupe enlouquecida.

A cidade abriga cães de toda sorte de raça e cor. Gatos também são bem-vindos, sempre encontram donos de bom coração. Mas são em minoria. O cão reina no coração dos zelosos criadores de animais domésticos. É o mais paparicado e o melhor amigo do dono.

Para os intrépidos ciclistas, o passeio de pedestre era pista de corrida, os obstáculos, plataforma de salto. A cada salto as rodas giravam no ar a toda velocidade. O metal cromado desenhava um círculo luminoso, como se fosse um disco prateado. O suor escorria na testa trazendo gosto de sal na boca. E, se caía no olho, provocava ardor e embaçava a visão do ás do guidom. Dentes brancos, coroados pelo metal ortodôntico, podiam ser divisados na boca deformada pela respiração apressada. Pulmões e narinas inflados, exauridos pela sobrecarga de uso. A velocidade era alucinante. A musculatura dos membros inferiores se retesava e se contraía, no esforço de manter o

movimento circular dos pedais. O ritmo era ininterrupto: um-dois, um-dois. Alegria incontida.

Para alívio, a corrida teve seu fim. Cruzaram o portão cor grafite numa mesma embalada. As bicicletas foram atiradas ao chão, umas sobre as outras.

Após a confusa e ruidosa chegada, o trio permaneceu em silêncio procurando retirar do ar fresco da sacada o oxigênio de que precisavam. Os corpos estavam exauridos, mas transpiravam alegria. Não, eles não foram recepcionados com a ladainha:

— Seus moleques, onde vocês estavam até uma hora dessa?

Desta feita, contrariando a rotina costumeira, nem a mãe nem o pai estavam a espreitá-los com o cinto na mão. A casa estava silenciosa. Não se ouvia um barulho sequer.

"Ih!, aí tem coisa!", pensou Janaína, no exato momento em que uma chave torceu o trinco e a dobradiça rangeu quando uma mão trêmula forçou a pesada porta.

Um vulto de cabeleira cor-de-neve surgiu de trás da coroa de folhas da samambaia. Sorriu. E as crianças também sorriram em retribuição e alivio. Para felicidade de todos, aquele era o adulto mais compreensivo para com as suas peraltices. O semblante meigo e doce que estampava no rosto era prova de que tudo seria bem resolvido.

— Bença, vó! — gritaram e correram para a cozinha.

— E o beijo da vovó? – indagou a bondosa senhora.

Dona Antônia estranhou a atitude das crianças. Elas sempre lhe foram gentis e carinhosas. "Que mal teria ocorrido?", quis saber, pensativa. "Será que fizeram alguma traquinice que mereça um bom corretivo?"

— Aonde vocês andavam crianças?

— Vó... não deixa a mamãe passar corretivo na gente não, vó! — clamou Janaína.

— Tenha calma, sua tolinha... O que vocês fizeram de errado?

— Foi culpa do Marquinho, vó! — denunciou, abreviando um costumeiro interrogatório.

— Não estou entendendo nada, crianças... quem é esse Marquinho?

— É o Marcos Paulo, vó... Um amigo da escola! — esclareceu Rogério.

— O que foi que o Marquinho fez, Janaína?

— Foi ele quem inventou a aposta, vó... A aposta de correr de bicicleta até o riacho! — falou, com voz chorosa.

A vovó sorriu, mais uma vez. Teve certeza de que aquela história estava sendo mal contada. A experiência levou-a a concluir que não era toda verdade ou, pelo menos, omitia os detalhes mais importantes do acontecido. Recordou-se que caso semelhante já ocorrera com seus próprios filhos. Eles também agiam da mesma maneira. Davam explicações pouco convincentes e evasivas. E como sempre, o responsável era um amiguinho que morava distante. Quanto mais distante, melhor. Assim, ela não teria como descobrir a verdade. E o tempo encarregava-se de fazê-la esquecer de procurar.

— Fiz um bolo gostoso, crianças. Quem vai querer?
Todos aceitaram.
— Posso dar um pedaço pro Eduardo, vó? — quis saber Janaína.
— Claro! Onde ele está?
— Ficou lá fora! Está com medo de ir pra casa.
— Ora, mas por quê?
— Porque vai apanhar de cinturão... duas vezes!
— Nossa! E por quê?
— Porque chegou tarde... e porque descascou a pintura da bicicleta.

Dona Antônia ficou matutando com seus botões. Nunca aplicara aquele tipo de corretivo nos seus filhos. Para ela, sempre surtia mais resultado conversar ou, simplesmente, suspender por uma semana as diversões das crianças.
— Ele é um bom amiguinho, Rogério? — indagou, com olhos maternos.
— É, vó... — respondeu, meio ressabiado.
— Então... — sussurrou a avó.

A vovó levou o menino até o canto da cozinha para os demais não tomarem conhecimento e suas intenções. Minutos depois, dois amigos saíram correndo pela rua deserta com a pequena vasilha de louça na não. Era um presente. Um mimo para abrandar coração de mãe.
A solução da avó foi tão inusitada que os dois amigos se esqueceram da possibilidade de corretivos. Quando dobraram a primeira esquina, Eduardo e Rogério já faziam planos para uma nova pescaria. Desta feita estariam preparados, levariam apetrechos de pesca que o pai de Eduardo guardava no sótão. Seria uma grande pescaria. Ficariam famosos entre os amigos do colégio.
Com a ausência das crianças, vovó Antônia aproveitou para descobrir o que de fato ocorrera naquele dia. Janaína era a pessoa mais indicada para revelar todo o acontecido. Se bem que, para proteger o irmão, ela seria capaz de sustentar a veracidade das mais inventivas histórias.

Mas a vovó também sabia: toda e qualquer resistência seria quebrada com uma simples fatia de bolo. Simples, não! Uma enorme e suculenta fatia de bolo de chocolate branco.
— Quer mais bolo, Janaína?
— Quero, vó... — falou com a boca cheia.
— Mas que gulodice, menina... Você não sabe que é feio uma mocinha falar com a boca cheia?
— Tô com fome, vó...
— Fome? — interveio, de sobressalto.
— Fome de bolo, vó... Bolo de chocolate branco é o que mais gosto!
— Ah!, sua espertinha... sua fome é maior que sua barriga. Mas não se esqueça que o bolo também é do Rogério e da Jamilly!
— A Jamilly é muito pequena, vó...
— Eu sei... mas ela gosta de bolo tanto quanto você!

— Onde a mamãe foi, vó? – indagou, desconfiada.
— Ela foi ao supermercado com seu pai, mas logo volta.
— Ufa! Ainda bem...
— Ufa!, digo eu!
Diante da coincidência de expressão, as duas ficaram sorrindo, por um breve momento.
— Minha netinha já está de barriguinha cheia, tá? Então senta aqui, no colo da vovó...
Janaína correu e deu um beijo na vovó.
— Você é a maior vovó do mundo, vó! — gritou.
— Sua danadinha... Já que a minha netinha gosta tanto da vovó... conta-me como foi essa aposta?
— A corrida de bicicletas?
— Sim... E por que vocês chegaram tão tarde?

Janaína era uma menina amadurecida, sabia que mentir só lhe traria maus resultados. Mentira tem pernas curtas. Mentir para vovó, então, nem pensar. Era a vovó quem sempre atendia seus desejos. Até mesmo aqueles mais sovinas ou extravagantes. Contou a verdade. Como tudo começou. E por que Marcos inventou a tal aposta de pegar peixinho no riacho.
Após muito pensar, a menina começou dizendo que a competição compreendia um percurso de ida e volta: da rua onde moravam até o riacho, e do riacho até o ponto de partida. Quem primeiro concluísse a tarefa teria direito de comer o lanche dos demais no dia que bem o quisesse. Porém, ninguém previra que, quando chegassem ao riacho, alguém teria a idéia de tomar banho. E que Marquinho, o último a chegar, afrontaria os demais com o desafio de capturar peixinhos. Uma tarefa impossível, ou quase.
Por fim Janaína concluiu:
— Foi despeito, vó. Só despeito.

Vovó Antônia escutou em silêncio. Considerou que a história era convincente, mas não se deu por satisfeita com as explicações. Sempre soubera que seus netinhos não costumavam faltar com as obrigações dominicais. Principalmente, com as obrigações religiosas da matriz de São Domingos Sávio. Deveria haver algo de mais grave não revelado.
— Foi só por causa da pescaria, Janaína?
— Não, vó. O horário de verão também foi culpado!
— O horário de verão?
— É vó, o horário de verão. Ele fez o dia ficar diferente...
— Como diferente? — indagou, entre sorrisos.
— Não sei, vó, só sei que ficou.
— Esta história está mal contada, Janaína. Explique-a melhor!
— Foi assim, vó: o Rogério me encarregou de vigiar as horas para a gente não se atrasar. Como estava claro, eu confiei no sol. Fui confiando, confiando... até cansar de confiar e olhar no relógio. Foi então que percebi que já eram dezenove e dez.
— Dezenove e dez?

— Sim, vó... dezenove e dez!

— Que jeito mais complicado de falar as horas, menina. Quem te ensinou isso?

— É o relógio, vovó. As horas do relógio são assim. É digital!

Percebendo que a vovó não ficara satisfeita com sua explicação, mais que depressa, Janaína tirou o relógio do pulso e exibiu o mostrador luminoso.

— Tá vendo, vó! Não falei?

Dona Antônia conferiu o relógio e ficou ainda mais intrigada. O relógio da neta não tinha ponteiros. Não havia um ponteiro sequer. No lugar deles só o mostrador luminoso no qual podiam ser lidos os números das horas.

A vovó não conseguiu esconder seu desassossego.

“Isso é uma modernice boba!”, pensou. “No meu tempo era mais fácil. Era só escutar os sinos da igreja para saber as horas”.

— Que horas são essas, Janaína?

— São dezenove e cinqüenta e dois, vó.

Como a vovó Antônia fez cara de desentendida, Janaína se apressou em explicar melhor.

— São sete horas e cinqüenta e dois minutos, vó!

— Ah!, bom... Agora entendi.

Janaína sorriu entre os dedos. Sabia que sua avó não gostava daquele palavreado. Das modernices, como costumava dizer. Preferia o velho relógio de parede com o cuco que aparecia pela janela de hora em hora. Ou então, badaladas do sino da igreja.

A única modernice que a vovó apreciava era o fogão a gás. Este sim era uma modernice de grande serventia. A vovó costumava contar que no sítio era um contratempo coar o cafezinho que tanto gostava. Primeiro era preciso cortar lenha. Depois, queimar as pontas dos dedos para acender o fogo nos gravetos. E o que era pior, suportar a fuligem que emporcalhava o fogão e o bule. Era um horror!

Ainda com essas lembranças na cabeça, Janaína recordou-se de uma cena engraçada que se passou no sítio da avó. Naquele dia o vovô Biu estava bravo. Reclamando que a comida da vovó estava sem gosto, faltando tempero.

A vovó que cuidava dos seus afazeres na cozinha ficou muito chateada e triste, com aquela reclamação. Aquilo não fazia sentido. Cozinhara como sempre cozinhara, com prazer e amor. Usara os temperos de sempre: sal, cebolinha, cuento, manjericão, salsa, pimenta de cheiro e alecrim. O que teria saído errado então? O marido nunca reclamou da sua comida...

“Sabe que o vovô estava coberto de razão!, pensou Janaína. A comidinha do fogão de lenha da vovó é muito mais gostosa!, concluiu”.

Ao contrário da vovó Antônia, o vovô Biu adorava as invenções modernas. Seu passatempo era construir pequenas máquinas copiando modelos que encontrava nas revistas. O galpão na parte do fundo do sítio era o local ideal para pôr em prática seus projetos. Era ali, no meio das máquinas de arar a terra, que ele ia amontoando suas invenções prediletas.

Certo dia o vovô construiu uma máquina de debulhar milho. Enfiava a espiga de um lado, e ela saía do outro lado já debulhada. Os caroços para um

canto e o sabugo para o outro. A invenção do vovô Biu era tão simples e prática que até as crianças podiam operar a engenhoca. E foi justamente essa invenção, que possuía uma única manivela, a que mais alegria proporcionou aos netos. Todos ficaram encantados e orgulhosos da sua criação.

Máquina de fazer milho de galinha. Aquele era o melhor divertimento que o vovô já inventara. Os meninos aprovaram, e não havia quem não quisesse brincar com ela. Quando passavam as férias no sítio do vovô, ocupavam as manhãs debulhando milho. Enquanto um alimentava a máquina com espigas, o outro rodava a manivela. E, como sempre, o sabugo saía por um lado e o milho debulhado por outro.

Mas não eram somente as crianças que adoravam a máquina. No sítio também habitavam outras criaturas que se alegravam com aquela invenção e com a presença das crianças. Quando iam operá-la, o tropel de pés e patas pelo terreiro era sempre motivo de grande confusão. A bicharada fazia fila. As galinhas vinham em primeiro lugar. Os patos em segundo. Os marrecos, em terceiro. E para evitar os chifres da cabra Marieta, ela recebia sua cota de grãos amarrada no pé de goiaba branca.

Todo e qualquer bicho, de pêlo ou de pena, recebia sua cota de alimentação. Era confusão. Mas uma confusão organizada. As crianças se divertiam. E os dias passavam tão depressa que ninguém percebia quando as férias terminavam.

— Vovó, vovó... Já cheguei! — gritou Rogério.

— Ainda bem... Pensei que não ia mais voltar!

— Vó... Não deixa a mãe pôr a gente de castigo não, vó! Eu prometo nunca mais chegar fora de hora... — implorou, com cara de choro.

— Está bem, crianças. Se prometerem que serão obedientes e estudiosos, a vovó vai ajudar os netinhos queridos.

— A gente jura, vó, a gente jura!, — gritaram e pularam no pescoço da dona Antônia. Foi abraço e beijo pra todo lado.

— Já chega, crianças. Vocês vão derrubar a vovó! — implorou, sorridente.

— Vovó... você é a maior! A maior vovó do mundo!

— E você é máximo, minha netinha. Mas agora me conte. Onde estão os peixinhos que vocês pescaram?

— Ih!, nossa! Esqueci dos peixes, vó! — o menino saiu em disparada pela casa afora.

Vovó Antônia aproveitou para separar uma grossa fatia de bolo para o netinho. Percebendo que Janaína não tirava o olho da fatia de bolo do irmão, cortou outra para ela. A menina comeu como da primeira vez — com gulodice.

— Os peixes estão vivos, vó! Estão vivos! — gritava o menino com um cantil na mão.

— Graças a Deus! Quem teve essa idéia?

— Fui eu, vó! — atalhou Janaína. — Eu deixei o Roge usar meu cantil, vó. Não queria que os peixinhos morressem de sede.

— Foi uma ótima idéia, mas precisamos de uma vasilha maior. O cantil não tem espaço suficiente, crianças!

As crianças entenderam o recado da vovó. Correram até a área de

serviço e voltaram com o balde de fazer faxina cheio de água.

Vovó Antônia aprovou a solução. Enquanto não fosse possível arranjar um recipiente mais adequado teriam que improvisar um aquário.

Foi assim, que vovó Antônia colocou o balde em cima da mesa e despejou o conteúdo do cantil. Quando os peixes mergulharam na tina transparente, começaram a nadar em círculo procurando fugir ou se esconder, assustados com a repentina claridade.

As crianças ficaram radiantes. Os peixes estavam vivos, e serelepes. E isso foi motivo de tanta algazarra que a irmã caçula acordou. Lá do quarto, ela gritou, exigindo companhia:

— Mãeeeee!

— Ih!... vó! A Jamilly acordou.

— Eu sei, crianças. A vovó já vai cuidar da sua netinha.

— Vó!, os peixinhos estão com fome, vó!

— Com fome? – indagou, incrédula. — Como você sabe disso, Janaína?

— É porque eles estão com a boca aberta, vovó... E estão comendo água!

— Mas que boboca! — interveio Rogério. — Peixe é assim mesmo, ficam abrindo e fechando a boca para respirar. Não é, vó?

— É isso mesmo, Rogério!

— E peixe não tem nariz? — indagou Janaína, permitindo que os lábios ganhassem um contorno pontiagudo.

— Nariz até que tem... – atalhou o irmão. — Mas os peixes respiram pelas guelras. Não é, vó?

— Ah!, Bom... pensei que você fosse dizer que eles não têm nariz... — retrucou, ela. E se deu por satisfeita.

A vovó se ausentou para buscar a irmã caçula. Janaína foi matar a sede com um bom gole de água fresca. E Rogério ficou pensativo, preocupado com um problema que só agora lhe ocorrera: o aquário. Após muito pensar, concluiu que os peixes careciam de um aquário para sobreviver. Um aquário bem grande e bonito. Quanto maior e mais bonito melhor. Já vira uma diversidade deles no *shopping.* Lá havia duas lojas especializadas. Em todos os aquários tinha pedrinhas, plantas e uma máquina de produzir pequenas bolhas de ar na água.

O balde não possuía nenhuma dessas coisas. Ficou triste. Os peixes careciam da máquina de fazer bolhas. Não esperou por mais tempo. Gritou como se houvesse ocorrido uma tragédia:

– Vovó, vovó! Os peixinhos precisam da máquina de fazer bolha de ar!

Dona Antônia desceu a escadaria correndo, apavorada com o alarido. Rogério e Janaína estavam debruçados sobre o balde. Na boca sopravam um canudo de refrigerante. E a água borbulhava.

— O que foi crianças? Aconteceu alguma tragédia?

— Não, vó. Mas os peixes precisam da máquina de fazer bolhas.

— E para que precisam disso, Rogério?

— Ora vovó, sem a máquina de fazer bolhas eles vão morrer... —

interpôs-se a menina, como se soubesse daquelas coisas há muito tempo.

— Os peixes precisam da máquina de fazer bolha de ar para respirar, vó! — informou o outro.

— Ora, Rogério. A vovó nunca criou peixe para saber dessas coisas. Quem foi que disse que peixe precisa dessa tal máquina?

— Foi o homem do *shopping*, vó! Ele falou que a máquina de fazer bolhas de ar é muito importante em qualquer aquário. Ela produz oxigênio!

— Se é assim, a única coisa que nos resta fazer é aguardar seu pai e rezar para que não se demore. E quando chegar, que encontre uma solução...

Para felicidade de todos, os pais não tardaram a chegar do supermercado. Mal tocaram a campainha foram surpreendidos pela novidade e súplicas para uma pronta solução.

A vovó Antônia foi amável, mas decidida para com o filho. Exigiu que arranjasse uma solução. Os peixes não podiam esperar por mais um dia.

Ciente do ocorrido, o pai tratou de encontrar uma solução. O drama dos filhos passou a ser uma preocupação familiar.

Mas onde encontrar um aquário? Já não era possível comprar no *shopping*. E não dispunha de recipiente para substituir o aquário de maneira correta. Precisava recorrer aos amigos.

Com o passar das horas e a tensão aumentando, as crianças começaram a falar mais do que deviam. Contaram onde e de que maneira conseguiram capturar os peixinhos. A partir de então, presenciaram seus atos serem julgados sob dois pontos de vista: De um lado, o pai orgulhoso da determinação, senso de companheirismo e capacidade inventiva dos filhos. E não era para menos. Na sua meninice também vivera aventura semelhante com seus amigos. Pensando assim, concluiu que a traquinagem das crianças, por pior que pudesse ser, era uma proeza edificante e inesquecível. E julgou não ser oportuno apagar a felicidade estampada no rosto das crianças. Em outro momento faria suas observações.

Enquanto isso, do outro lado do cabo-de-guerra, o coração de mãe que só sabe prever perigos de uma aventura, já não podia mais se conter de tanto tormento. Aquele sentimento materno era capaz de abraçar o mundo, mas incapaz de atinar para motivação que levara as criancinhas a desobedecerem e a praticar tamanha peraltice. Jamais permitiria que se seus bebês se aventurassem por região tão perigosa sem a presença atenta e rigorosa de um adulto responsável: Ela, e mais ninguém.

— As matas são lugares assombrosos. — advertiu ela. — É um mundo medonho infestado de bichos ferozes que mordem, picam, arranham e mastigam. Por lá só habitam cobras, lagartixas, aranhas e mosquitos vorazes! Vocês não podem repetir essa traquinice. — Levou as crianças para um canto e passou uma reprimenda.

— Rozéio... me dá um pece! — acudiu Jamilly, com voz melosa.

— O neném não sabe cuidar de peixinho... — Rogério se aproveitou da intervenção da irmã caçula para esfriar os ânimos da mãe.

— Sei, sei, sei... Num sei... mamã?

— Sabe sim, filhinha. A mamãe vai dar um peixinho para sua Jamilly...

— Tá vendo! Ganhei um pecinho... seu bobo!

Todos sorriram. E Jamilly começou a bater palmas e a cantar que ganhou, que ganhou, que ganhou um peixinho. Ainda fazendo graça, correu com seu jeito desengonçado e foi dar a boa notícia ao papai que estava ao telefone confirmando um encontro.

— Crianças!, já tenho a solução. O amigo Oinotna vai cuidar dos peixinhos até resolvermos o problema do aquário.

— Esse moço sabe cuidar de peixe, papai? — quis saber o menino.

— Claro, meu filho! Ele possui uma criação de peixes exóticos.

— Exóticos? – indagou, aturdido com a informação do pai.

— Sim... Criação de peixes raros.

— Será que cria o peixe que o Rogério pescou, papai?

— Não sei, filha... Mas tenho certeza que nos será de grande ajuda!

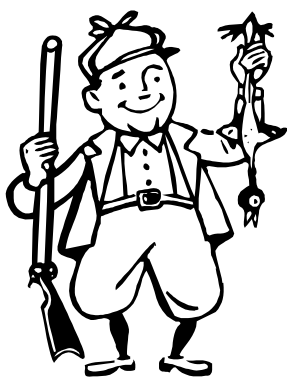
— A gente pode ir, papai?

— Claro! Claro que podem. Corram!, vão buscar o balde que Oinotna nos espera.

As crianças saíram em desabalada carreira. Não queriam perder aquela oportunidade.

Agindo assim, as crianças não tiveram tempo de melhor avaliar a solução que o pai propusera.

Se aquele moço criava peixes exóticos, era bem possível que pudesse cuidar dos peixinhos. E quem sabe, ensiná-los a criar os seus. Era um bom começo. Um bom começo para quem fazia planos para iniciar sua própria criação. Uma espetacular e variada criação de peixes. Exóticos ou não.

Capítulo 3

A residência do senhor Oinotna é um velho casarão de telhas enegrecidas. A construção tem vários cômodos e está protegida por cercado de mourão alto. A vegetação impede os olhares dos vizinhos indiscretos.

É neste refúgio sombrio que o senhor Oinotna, um ecologista preocupado com ecossistema local, desenvolve estudos e pesquisas. Ele é o típico vizinho de poucas amizades, temido e respeitado. Adotou hábitos noturnos e, por isso mesmo, só pode ser contatado à noite.

Corre um boato na vizinhança que o casarão é mal-assombrado e o proprietário, um terrível feiticeiro que se transforma em lobo em noites de lua cheia. Apesar de tão despropositada imaginação, ninguém é capaz de supor que aquele vizinho — personagem controverso — já cruzara o continente Sul-

americano de um extremo a outro. Conhece, como nenhum outro pesquisador, as particularidades e segredos do ecossistema local.

Para aquele homem de poucas palavras, a rica biodiversidade do cerrado está sucumbindo ante o terrível pesadelo das queimadas — naturais ou criminosas.

Mas não se enganem: Oinotna está certo de ser o homem o único responsável pelas depredações. Mazelas da chamada civilização moderna.

A buzina tocou quando o carro estacionou em frente ao portão. A porteira abriu sem ninguém tocar. Dois cães *Rottiveiler* correram de encontro ao veículo. Caninos à mostra. Dois pares de olhos brilhavam no escuro, como se fossem tochas. E o arfar da respiração apressada impunha medo e respeito. De dentro do veículo nenhum passageiro emitiu um som sequer.

A luz da varanda acendeu quebrando a espessa escuridão que envolvia o casarão. Um assobio varou a janela. Os cães correram, perdendo-se de vista no meio da noite. Era uma noite pesada, sem estrelas.

Os visitantes baixaram o vidro da janela do veículo para melhor observar a paisagem. Escutaram sons assustadores. Grunhidos graves, agudos ou entrecortados, vindos das copas da vegetação. O ar estava possuído de um cheiro suave que acariciava as narinas. Quando a brisa soprava mais forte, uma fragrância frutífera adocicada refrescava o ar.

O interior da propriedade era mais horripilante do que podiam imaginar os pequenos visitantes. Além de um bico de luz aceso no alpendre, não se observava nenhum outro ponto luminoso. Do interior do casarão vazava uma tênue luz fria, como se imantasse de vida o ambiente.

Aquele era o refúgio do senhor Oinotna. Os noturnos visitantes não podiam observar os detalhes e beleza do cenário. Todavia, estavam certos de terem penetrado no mais rico e belo pomar da região. Produto de longos anos de paciência e dedicação.

No pomar colhia-se caju, carambola, goiaba, jabuticaba, manga, abacate e frutos nativos, só encontrados na região. Um paraíso de fartura, sabores, perfumes e cores.

Num passado não muito distante, o cultivo de tantas variedades de árvores frutíferas rendera ao ecologista enormes aborrecimentos. A propriedade não era cercada. Não havia necessidade. Pois, naqueles dias, não havia intrusos para ameaçar sua paz e destruir as plantações.

Com o passar dos anos a civilização foi chegando. E, um dia após o outro, foi fincando suas estacas e plantando destruição. Foram dias difíceis aqueles. Oinotna não gostava de lembrar. Pessoas inescrupulosas, que pouco ou nada conheciam da região, promoveram um abaixo-assinado para desalojá-lo e transformar seu sítio em área de expansão da cidade.

O ecologista resistiu àquela corja de loucos e oportunistas. Lutou em várias frentes de batalha e colecionou dezenas de inimigos, mas saiu vitorioso

em todas as demandas. E finalmente, quando aconteceu uma longa trégua, teve que erguer barreiras para proteger o que lhe restara. E o que era pior, já não era tão sozinho e solitário como desejava.

A partir de então, passara a ser um estorvo para o progresso da cidade, a ser odiado, a ser temido por crianças e adultos. E ninguém se atrevia a desafiá-lo e invadir seus domínios. Todos tinham conhecimento de que ali morava um homem determinado. Um homem solitário, mas capaz de lutar contra toda a cidade para defender seu modo de viver e de pensar.

Numa certa noite de lua cheia, a vizinhança escutou uivos de lobo selvagem. Era como se a terrível criatura lamentasse a perda de um amigo. Uma perda irreparável. E foi assim, que após aquela inesquecível noite de lamentos, começaram a chamá-lo de “O Lobo”. Ele não revidou. Aceitou de bom grado a alcunha de lobo velho e rabugento.

Quando cruzaram a varanda, as crianças não se deram ao trabalho de cumprimentar o dono da casa como era esperado. Atraídos pelo frescor de uma luz fria, correram para o grande aquário que enfeitava o centro da sala. Seus olhinhos tinham o brilho do encantamento.

O aquário estava repleto de peixes de cores e formas várias. Alguns possuíam caudas longas e coloridas. Outros, de caudas tão pequenas que pareciam rabicós. E no recipiente no canto da sala, as crianças divisaram peixes de tamanhos e formas nunca imaginados. Alguns eram assustadores como se fossem monstros marinhos.

Mas não era tudo. O salão se alongava formando um corredor onde se podia observar diversos recipientes dispostos como se estivessem em prateleira de supermercado. Em cada um deles havia uma única espécie de peixe. Esses aquários não possuíam os enfeites e a alegria que adornavam os aquários da sala. Mas, tal e qual, eram limpos e bem cuidados.

As crianças ficaram eletrizadas. Corriam de um lado para o outro, como se pudessem com seus olhinhos colher num só olhar todo o conhecimento armazenado ao longo de vários anos de dedicação.

Após analisar detalhe por detalhe, Rogério teve certeza: aquele homem sabia criar peixes. Todos os aquários tinham pedrinhas, plantas e uma ou duas máquinas de oxigenar a água. Sob a tampa que guarnecia a parte superior, uma lâmpada fluorescente banhava de luz a água. Tudo era perfeito. Impecavelmente organizado e limpo. Era lindo!

— Papai, os peixinhos vão ficar neste aquário?

— Não sei, filho. Oinotna é quem sabe.

— Infelizmente não, meu rapaz. — interveio o ecologista. — O tio tem um mais apropriado para eles.

— Mas eu pensei que…

— Sei o que você pensou, meu rapaz. Mas no momento eles precisam de um berçário…

— Berçário? — interpôs-se, Janaína. — Berçário não é para bebê? — complementou.

O ecologista sorriu. E foi um sorriso profundo. Um sorriso que fez sua

alma ficar ainda mais leve e pura do que era. Pouco depois, com passadas largas, tomou o rumo do corredor e retornou com um recipiente de vidro em forma de cubo.

— Dêem uma olhada neste, crianças.

— Um aquário de peixe bebê?!

— Isso mesmo, minha boa menina... Somente quando seus peixinhos ficarem fortes e crescidos, poderão conviver com outros de igual tamanho.

— Quando eles vão ficar grandes? — quis saber o menino.

— Foi você quem os capturou, meu rapaz?

— Fui eu mesmo, seu Oinotna. Peguei lá no riacho!

— Bom... precisamos descobrir qual é a espécie e a qual família pertence!

— E peixe também tem família? – quis saber a menina.

— Tem, crianças. Os pesquisadores classificam os animais por espécies e famílias.

À medida que o senhor Oinotna ia explicando, as crianças ficavam ainda mais boquiabertas. Jamais imaginaram que ser ecologista fosse uma atividade tão complexa e exigisse tanta dedicação. E quanto mais aprendiam, tanto mais queriam aprender com ele.

Tudo transcorria tranqüilamente até o momento em que os peixes foram transferidos para o aquário. Quando a luz foi acionada, permitindo aos observadores apreciar a forma e a coloração dos peixes, um silêncio preencheu a sala de indagação. Ninguém acreditava no que via. As crianças ficaram hipnotizadas. Os homens pasmos.

— Chegue mais perto, meu rapaz. – pediu Oinotna, com brandura.

— Eles são bonitos, né?

— São. São muito bonitos.

— Aqueles dois são diferentes, papai!

— Estou vendo, filha. São os mais bonitos.

— Meu rapaz... Em que parte do riacho você os encontrou?

— Aqueles três?

— Sim. Aqueles menores.

— Encontrei no meio do barro!

— Do barro?

— Foi! No riozinho que tem perto do riacho.

O senhor Oinotna ficou em silêncio. Não se recordava da localização daquela nascente que o menino lhe falava. Se os peixes foram coletados num olho d'água que ressurgiu em decorrência das últimas chuvas, aumentava em muito a possibilidade de suas suspeitas estarem corretas.

— Oinotna! – interveio o pai. — Que diferença faz se os peixes foram encontrados no barro, no riacho ou num regato?

— Muita, amigo, muita! — e sorriu, um sorriso esperançoso.

— Pelo que posso julgar por sua reação, as crianças esbarraram em alguma coisa importante?

— Bem, não posso afirmar. Mas, pelo que posso avaliar, as crianças encontraram um peixe raro.

— Agora entendo. Agora sei o por quê do amigo ter ficado tão risonho.
— Claro! Podemos estar diante de uma grande descoberta.
— Não me diga!
— Por favor, amigo Nicolau. Não tire conclusões precipitadas! Preciso fazer um estudo detalhado e consultar algumas pessoas antes de dar o veredito.
— Tudo bem! Pelo sim pelo não... vamos aguardar.
— Faz bem. Mas se não estiver me precipitando, algum deles pode ser o peixe pirá-brasília.
— Pirá-brasília?! Eu nunca ouvi falar nesse peixe!
— Pois existe... — tratou de informar, o ecologista. — Foi descoberto por volta de 1959.
— Imagine você! — atalhou o outro, também empolgado com a notícia. — Foi em 1959 que meu pai veio morar em Brasília.
— Para você ver! Foi exatamente neste ano que o peixe foi descoberto.
— E qual a importância da descoberta do meu filho? Imagino que o riacho deve estar repleto desses peixes!
— Aí é que você se engana, amigo. Para a grande maioria dos pesquisadores ele já está extinto.
— Extinto? Então essa descoberta pode ser fenomenal!
— Possivelmente, se for confirmada, é claro. Por enquanto, espero que estejamos assistindo o final feliz de uma triste história.
— Que história? Conte-nos! Estamos todos ansiosos para conhecê-la. Não é crianças?
Todos concordaram. E não era para menos. A possibilidade da descoberta de um peixe raro era um fato muito além da expectativa. Se a captura dos peixinhos já fora uma aventura inesquecível, imagine então a euforia se ficasse comprovado que fizeram uma descoberta de tamanho valor. Seria a glória!
O senhor Oinotna afastou-se do grupo. Foi até a escrivaninha e começou a remexer alguns papéis. Recolheu revistas e recortes de jornais antigos. Lia só o trecho que lhe interessava. Após se dar por satisfeito, começou a falar como se narrasse um caso por ele vivido:

— Foi por volta de 1959, que o então administrador do Jardim Zoológico, senhor José Boitone, capturou o primeiro espécime nas margens do córrego do Guará, próximo à área do Zôo. Na primeira descrição científica o peixe ficou registrado com o nome de Synposonchtys. Posteriormente, o Dr. Eduardo Kunze — biólogo e ecologista constatou ser um Synobelias. A partir de então, ganhou o nome científico de Synobelias Boitonei e nome vulgar de pirá-brasília (peixe de Brasília).
Neste ínterim, a voz do narrador ganhou tonalidade melancólica:
— ...daquele tempo para cá, o habitat do peixe sofreu terríveis depredações. O crescimento da cidade, a poluição dos riachos e a drenagem que vem sendo feita na região dos brejos; são principais causas apontadas para explicar seu desaparecimento.
— Mas, tio!, quer dizer que o peixe tinha morrido e agora ressuscitou? —

indagou o menino.

— Espero que sim, meu caro Rogério. E se for verdade, sua descoberta será de grande valor científico.

– O senhor tem certeza?!

– Claro! E por isso mesmo, preciso da sua colaboração para fazer um mapeamento da região.

— Eu quero ajudar, papai! — interveio a menina.

— Eu quero capturar mais peixes, papai! — completou o menino.

— Vamos com calma, crianças. Não esqueçam que as férias terminam nesta semana... Primeiro, preciso conversar sobre o assunto com a mamãe!

— Se o senhor for com a gente... ela vai concordar!

— Que posso fazer, Oinotna? Acho que entrei numa enrascada!

— Acho que o amigo não vai ter como se sair dessa. De qualquer maneira, podemos marcar nossa expedição para o próximo final de semana. Assim, as crianças poderão participar sem precisar cabular aula.

— É uma boa idéia, Oinotna. Fica combinado. No domingo pela manhã nós vamos procurar o peixe.

— Combinado. Enquanto isso, vou me aprofundar nos estudos e fazer uma visita de reconhecimento ao local.

Aquela reunião terminou festiva. A proposta da expedição no fim de semana fora bem aceita. O objetivo seria coletar dados que revelassem pontos de desova. E, se possível, coletar novos alevinos.

Como não poderia deixar de ser, as crianças saíram daquele encontro transbordando felicidade e imaginação. Suas mentes fantasiavam um proveitoso e emocionante resultado da expedição. Comungavam, entre si, o desejo de capturar o peixe que o ecologista afirmara ser raro e dado por extinto.

Os adultos também não se comportaram de modo diferente. Experimentaram suas próprias fantasias. A exemplo das crianças, ficaram tocados pelo espírito aventureiro. A emoção estava batendo à porta.

Capítulo 4

O ecologista passou uma noite insone. Varou a madrugada consultando anotações. Vez por outra, usava uma lupa para melhor observar os alevinos. Mas estes, nem sempre colaboravam. Fugiam do foco do seu olho de vidro e se escondiam no meio das pedras.

“É melhor esperar”, pensou.

A semana mal havia começado quando o senhor Oinotna convocou uma reunião de emergência. Precisavam conversar e fazer planos para uma ação imediata. Coisas terríveis estavam prestes a acontecer. A excursão não poderia esperar o próximo final de semana. Tudo poderia estar perdido até lá.

No dia e hora marcados, toda a família se fez presente. Todos queriam saber do ocorrido, pessoalmente. As crianças estavam temerosas. Rogério era quem mais falava e fazia indagações às quais os adultos não davam respostas. Vovó Antônia também se fizera presente. Sentia-se responsável e desejava tomar parte no acontecimento.

O dono da casa recebeu os convidados no portão. Suas feições denunciavam ansiedade e aflição. Desta feita, a cachorrada não apareceu para correr atrás do veículo. Contudo, seus latidos podiam ser ouvidos no fundo do quintal.

O entardecer emprestava à vegetação um brilho leitoso. O pequizeiro perdera a florada e, o excesso de frutos fazia os galhos pender até o chão. O pomar estava bem cuidado e viçoso. Algumas daquelas árvores frutificavam o ano inteiro, graças à habilidade do ecologista em promover enxertia e cultivar plantas de ciclo longo. A frutificação era tão intensa que prometia uma farta colheita.

Após reunir o grupo no interior da casa, Oinotna falou:

— Amigos! — procurou não denunciar ansiedade. — Convoquei esta reunião para informar que o local onde Rogério coletou os peixes será soterrado.

Rogério pensou em fazer uma indagação, mas ficou calado. Oinotna prosseguiu:

— Conversei com o engenheiro responsável pela obra e fui informado de que o trecho onde os peixes foram coletados será cortado por uma rodovia. A obra só não foi iniciada há mais tempo por causa das chuvas.

Um trovão fez a estrutura do casarão vibrar. As crianças ficaram assustadas e permaneceram em silêncio, atentas ao pronunciamento do orador.

O narrador elevou o tom da voz e permitiu que o ar dos pulmões arranhasse a garganta para emitir um som mais grave.

— ... só temos mais um dia para vasculhar toda a área e encontrar novos alevinos! A drenagem do terreno já foi iniciada e só a muito custo consegui que adiar o aterramento por mais um dia. Só um dia! — bradou.

Enquanto o grupo discutia como deveriam agir naquela situação, lá fora caía uma chuva fina. Na copa das árvores os animais noturnos já não emitiam seus ruídos medonhos. Refugiaram-se no calor do ninho na esperança de que um novo dia iria raiar com muita luz e alegria.

A chuva começou a ganhar fôlego, e relâmpagos riscaram o céu de luz. No conforto cômodo espaçoso e iluminado, correu uma brisa que fez gelar o coração mais duro.

Os adultos estavam entretidos nos seu debate. Mas, a data limite para

reinicio das obras exigia que alguém tomasse uma decisão. De um lado as crianças permaneciam chorosas. E de outro, os adultos cabisbaixos estudavam uma alternativa para o caso. No entanto, ninguém, por mais inspirado que estivesse, encontrou uma boa sugestão.

Foi então que Jamily largou a chupeta e gritou:

— Quelo pece, quelo pece!! — e todos sorriram.

Vovó Antônia foi a segunda a falar e ofereceu-se para preparar a refeição da expedição. Janaína sugeriu reunir os amigos da escola e pedir colaboração. Com a colaboração de outras pessoas conseguiriam vasculhar por toda a área alagadiça do riacho.

A proposta foi aceita.

Papai e mamãe Nicolau assumiram o compromisso de obter autorização dos pais daqueles que desejassem ajudar. O empreendimento carecia da colaboração de tantos quanto fosse possível arrebanhar. Nenhuma ajuda, por mais insignificante que pudesse ser, seria desprezada. A expedição carecia do maior número de pessoas para que sua ação fosse rápida e fulminante. Só restava um único dia para realizar tal empreitada. Era uma missão quase impossível, era tudo ou nada.

O senhor Oinotna assumiu a tarefa de preparar materiais e equipamentos necessários ao trabalho que deveriam realizar. E, se fora eleito o comandante daquela cruzada, precisava pensar na segurança e no bem estar dos comandados.

E naquela mesma noite, foi visto na região ribeirinha espalhando recipientes contendo uma estranha emulsão de cal virgem. Um eficiente repelente para cobras e outros animais rastejantes.

Na manhã seguinte a expedição partiu ao romper do dia. Eram ao todo treze pessoas. Um número significativo que prometia resultado positivo. Dentre tantos, as crianças eram grande maioria e se comportavam à altura que o momento exigia, festejavam o acontecimento com gritos e cantorias. Para eles, aquele era um bom motivo para encabular a aula e a oportunidade para praticar uma boa ação.

Quando chegaram à zona úmida da mata ciliar, os visitantes, que não conheciam a região, correram para apreciar a paisagem. A vegetação nativa estava florida. As borboletas de tamanho e formas várias emprestavam suas cores para florir o verde da vegetação rasteira.

A senhora Nicolau ficou entusiasmada com a beleza lugar. Por onde andava descortinava paisagens novas e vegetação tão exuberante que ficou entristecida só de pensar que um dia tudo podia desaparecer, ser consumido pela rodas do progresso. Enquanto o marido e o senhor Oinotna planejavam o plano de ação, organizou um rápido passeio exploratório para fazer o reconhecimento da região. Quando retornou, trazia uma idéia na cabeça: precisava pensar numa saída de emergência caso ocorresse algo de errado. Muito mais do que a aventura que estavam prestes a viver, era preciso pensar na segurança de todos.

— Qual é seu julgamento, amigo Oinotna?

— Não estou gostando do que vejo... e do que pressinto.

— Como assim?

— Infelizmente, as máquinas soterraram a área na qual seu filho encontrou os alevinos. Era a mais promissora.

— Mas podemos procurar do outro lado do riacho. Ao que me parece, o terreno possui as mesmas características deste nosso.

— Claro!, só que do nosso lado a incidência solar é mais constante, o que vem a favorecer a eclosão das ovas.

— Se for assim, a situação não nos é muito animadora?

— Não há de ser nada, amigo. Com tantos olhos e mãos irmanados no mesmo objetivo, tenho certeza que nossos esforços serão coroados de êxito.

— Papai, papai! Podemos começar a pescaria? — quis saber Rogério.

— Só um momento, crianças. — atalhou o ecologista. — Temos que trabalhar em equipe. É melhor dividir a expedição em dois grupos. Em duas frentes de trabalho temos possibilidade de cobrir uma área maior1 – concluiu, fazendo um aceno com a cabeça.

Enquanto o senhor e senhora Nicolau se ocupavam de organizar as equipes, o ecologista aproveitou para separar o material que trouxera para facilitar a captura dos peixes que seriam coletados para observação. Retirou do reboque uma lona encardida e improvisou a cobertura do acampamento. O acampamento era base de operação e refeitório. Dentre outras coisas que trouxera, cada membro recebeu um balde de plástico e uma peneira de malha fina, para peneirar o solo alagadiço. Esses apetrechos eram as ferramentas de mais precisam, além da própria coragem e determinação.

O papai Nicolau deu suas últimas instruções: informou aos membros da expedição que deveriam trabalhar um ao lado do outro, ninguém deveria se desgarrar do bando. A peneira deveria ser usada como se fosse um rastelo, varrendo o solo alagado e recolhendo os detritos. Os peixes coletados deveriam ser transferidos para os baldes, e os baldes transportados para o acampamento. Cada membro deveria apoiar-se no companheiro, para não fraquejar e desertar do trabalho.

A senhora Nicolau pediu a palavra e foi mais enfática na sua explanação: exigiu obediência e precaução. Obediência aos mais velhos e precaução quanto aos perigos que teriam que enfrentar. Ninguém, mas ninguém mesmo, deveria enfiar a mão em locas ou moitas de capim sem que o local fosse devidamente vistoriado. E, se ocorresse algo de inesperado, deveria gritar por ajuda, ela viria ao seu socorro.

— Atenção homens! — gritou o ecologista. - Preciso que prestem muita atenção no que tenho a dizer: encontrar o pirá-brasília não será uma tarefa fácil, para nenhum de nós. Ele é um peixe arisco e mede no máximo três centímetros quando da sua fase adulta... Seu habitat natural é a região do alagadiço onde desovam na terra úmida e fofa. Um peixe essa característica não será capturado tão facilmente.

— Não seria mais fácil procurar no riacho, senhor Oinotna? Lá está cheio

de peixe!

— Infelizmente não, meu caro Eduardo. Não é esse seu nome?

— É sim, senhor Oinotna... meu nome é Edu!

— Ocorreram muitas chuvas e, é muito pouco provável que possamos capturá-lo no leito pedregoso do riacho. E, levando-se em conta que são alevinos, é fácil prever que serão facilmente devorados quando migrarem para o riacho.

— E como podemos saber se um peixe é ou não é o tal pirá? – insistiu.

— Tenham paciência, crianças... Nós estamos procurando um peixe raro, pouco pessoas tiveram a alegria e o impagável prazer de por o olho nele... não admira que esteja em extinção. O peixe que desejamos encontrar terá aproximadamente o tamanho de uma cabeça de fósforo e poderá ser confundido com detritos do solo. Fiquem alerta, ele costuma procurar refugio na folhagem ou na terra barrenta.

Prevendo que teriam muito trabalho pela frente, o ecologista tratou de concluir suas explicações e distribuir o material para os membros da expedição. Para cada um deles forneceu um apito, que só deveria ser acionado no caso de extrema emergência. Por fim, pediu para evitarem brincadeiras e peraltices que pudessem prejudicar a captura. Anunciou partida, e seguiu na frente do seu grupo.

Pouco tempos depois, a senhora Nicolau que ficara encarregado de cuidar do acampamento, recebia uma encomenda: os primeiros peixes capturados. Ao longe, só observava a cabeça do esposo surgir e mergulhar no meio da vegetação. Aquela equipe está tendo problemas, pensou ela. Mas concluiu que a equipe se esforçava ao máximo para obter um resultado positivo.

Capturar o synobélias era missão quase impossível e um trabalho ingrato. Os adultos se ocupavam de abrir clareiras na vegetação para que facilitar o trabalho das crianças. Elas precisavam observar os pequenos veios d’água que corriam por baixo das gramíneas e arbustos para usar a peneira, em forma de concha. De vez em vez, um alguém gritava de alegria ou medo. Mas era alarme falso: não era o pirá-brasília. Nem tão pouco, um animal repugnante ou que representasse perigo. Na maioria das vezes, era uma inofensiva largaticha.

Após duas horas de trabalho ininterrupto as crianças começaram sentir o peso da rotina. A cada vinte minutos, dois ou três recorria ao acampamento para matar a sede e fazer uma rápida refeição. Desculpas para fugir do trabalho. No todo, só haviam coletado doze minúsculos peixes. Um número minguado para tantas mãos e olhos...

Pouco a pouco, o grupo foi se distanciando do acampamento e embrenhando-se na mata compacta no desejo de encontrar, do outro lado da margem do riacho, um local promissor para a captura.

A senhora Nicolau não aprovou aquela decisão. Tão menos, a direção que o grupo resolveu tomar. Nas suas andanças, já havia verificado que aquela área era acidentada e propícia para ocorrerem pequenos acidentes. Gritou, mas não conseguiu conter o ímpeto dos membros da expedição. Ficou

temerosa pelas crianças.

Uma nuvem se projetou por sobre a região ribeirinha fazendo com que o dia mal iluminado ficasse ainda mais sombrio.

A senhora Nicolau não contava com aquela brusca mudança no tempo. O clima era instável, mas nada que pudesse ser encarado como a formação de um temporal. Gritou para alertar sobre o possível perigo. Mas foi em vão, já não era possível se fazer ouvir.

A espessa e embrutecida massa gasosa não carecia de previsões alarmistas para ser identificada como uma tromba d'água que se agigantava tomando proporções assustadoras. Não muito depois, já desaguava por sobre a região ribeirinha.

Grossos pingos de chuva atingiam o solo com tanta intensidade que pareciam capaz de varar as folhas da vegetação e furar a lona do abrigo. Trovões ecoavam. Raios e relâmpagos riscavam o céu. A chuva caia com tamanha profusão que formava grossas colunas de água capaz de abrir valas no aterro construído no dia anterior.

A senhora Nicolau ficou assustada. Refugiou sob a lona do acampamento e começou a rezar.

E nem sinal da expedição e de suas crianças.

Começou a ter maus presságios. Imaginou que a chuva provocara um dilúvio deixando a expedição ilíada em algum ponto da mata. Buscando controlar a angústia, implorou ao céu para que o grupo superasse as dificuldades, e encontrasse uma maneira para transpor as águas revoltas do riacho. Em certo momento, imaginou escutar as crianças chorando e clamando por seus braços.

— Corram crianças! Corram para a tenda! — ecoou a voz do marido, no meio do temporal.

— Nós capturamos o pirá-brasília, mamãe! — gritava as crianças.

A mulher não pode deixar de sorrir e de se alegrar como aquele alarido. As premonições da sua imaginação foram infundadas. Para sua felicidade, todos se encontravam sãos e salvos. Para sua tranqüilidade, contou cabeça por cabeça para ter certeza que ninguém havia desgarrado. Atestando que tudo estava bem, só lhe restou descobrir se a noticia que alardeavam era fundada ou se não passava de um engodo para abrandar suas preocupações.

— Quem foi que capturou o pirá?

— Eu! – gritaram todos, numa só voz.

O senhor Oinotna sorriu, um sorriso sem graça. Ela foi capaz de entender seu significado, mas não quis tecer nenhuma indagação. Não era o momento oportuno.

Com o passar das horas, a chuva amainou, e as crianças puseram-se a brincar. Abandonaram o abrigo para melhor observa a enxurrada que corria na

direção do riacho. E não mais se queixavam do frio e do incomodo das roupas encharcadas. Os mais esfomeados exigiram outra porção da refeição e, devoraram até a última migalha.

Os adultos aproveitaram o momento de alegria e tomaram distancia do grupo para fazer uma avaliação da situação. Se as crianças fossem um pouco mais curiosas perceberiam que, por trás daquele diálogo amigável, brotava algum desentendimento. E, só depois de muita conversa, o trio resolveu retornar e anunciar o fim da aventura e da expedição.

Quando tudo parecia resolvido, Rogério gritou uma novidade:

— Senhor Oinotna, a chuva abriu uma vala no aterro!

— Onde?

— Abriu uma vala tão profunda que o riozinho onde encontrei aquele peixe ficou descoberto.

— Vamos lá, meu rapaz! Quero ver isso de perto.

— Mas senhor Ointna! – gritou a mãe, como sempre apreensiva.

— Eu só quero ver como ficou, não vou me demorar.

Todos correram para o local indicado pelo menino. A chuva provocara uma erosão profunda que permitia que o solo original fosse tocado pela mão. O regato, onde o menino Rogério havia capturado os alevinos na viagem anterior, estava novamente correndo a céu aberto. A nascente jorrava com tanta profusão que fazia a água borbulhar.

O ecologista alegrou-se com o acontecimento, mas ficou indignado com as conseqüências danosas que o aterro provocava ao meio ambiente. Para ele, aquele local era o mais fértil para a desova do synobélias. E do jeito que se encontrava, era humanamente impossível remover com as mãos aquela tonelada de aterro. Somente uma máquina seria capaz de realizar o trabalho.

— Então, senhor Oinotna? — quis saber o menino.

— Pelo que vejo, a erosão não é suficiente para atingirmos o solo argiloso abaixo da vegetação. A terra ficou compactada e de difícil remoção.

— Não seria possível cavar, para alargar o buraco? — quis saber, a senhora Nicolau.

— Creio que não, não temos ferramentas.

Rogério entrou no buraco e ficou a remexer onde brotava o veio d’água.

— O que vocês estão procurando neste buraco? — grunhiu uma voz desconhecida.

Oinotna girou a cabeça, e percebeu que era o mesmo homem a quem havia solicitado mais um dia tentar capturar o peixe.

— Sem me lembro bem, o amigo havia me garantido que iria atrasar a obra por mais um dia...

— Tem toda razão. Mas, infelizmente, recebi uma grande quantidade de material para entulho e tive que iniciar o aterro. Avaliei que este local não fosse importante... Aí não tem nada!

O ecologista balançou a cabeça em sinal de desaprovação. Pensou em

dar uma resposta mal criada, mas se conteve.

— O senhor poderia nos ajudar? — indagou, por fim.

— Eu? Como?

— Precisamos remover parte do aterro que cobre a vegetação. Se assim fizer, poderemos encontrar o que procuramos.

— E o que procuram?

— Um peixe?

— Peixe? Você está maluco! Onde já se viu procurar peixe do meio do barro?

— Essa é única solução que podemos encontrar no momento.

O encarregado pelas obras não levou a sério o pedido do ecologista. Sorriu, e saiu andando como se nada houvesse escutado. Para ele, aquela turma era um bando de lunáticos querendo encontrar algo que certamente não existia. Entrou no seu veículo, deu meia volta, e sumiu por entre a encosta do morro.

— Vamos embora, minha gente! – gritou a senhora Nicolau – Não podemos mais nada fazer.

Todos entenderam seu recado, e acharam por bem não questionar aquela decisão. A oportunidade de encontrarem Synobélias já havia se esgotado. A única opção era, rezar e esperar que dos alevinos capturados pelo menos um fosse o pirá-brasília.

Desmancharam o acampamento e recolheram os equipamentos utilizados na expedição. Não queriam abandonar nenhum material que viesse poluir o meio ambiente. Baldes, sacos e latas de refrigerantes foram recolhidos. Dois sacos de lixos foram improvisados para acomodar o material descartado. Quando já estavam prontos para a partida escutaram um ronco abafado e o zoar de uma estridente buzina.

— O que pode ser aquilo? — quis saber Janaína.

— Sei lá!, parece um trator. — interveio Eduardo. — A máquina esquisita está se dirigindo para o aterro.

— Que máquina é aquela, senhor Oinotna? — quis saber Rogério.

— É uma pá mecânica. Parece que teremos uma mão extra para nos ajudar.

— E que mão! Parece um pegador de macarrão. — concluiu a menina.

— Vamos lá gente, é nossa última chance! — gritou o senhor Nicolau.

O trabalho era ingrato. A chuva continuava a cair copiosamente, e não dava trégua. Alguns braços já não conseguiam peneirar os resíduos da terra lamacenta, e desistiram. Poucos conseguiram manter o ritmo do trabalho. E os que conseguiam superar o cansaço, tiveram de trabalhar em dobro para cobrir os desertores. Cavavam, peneiravam e gritavam quando encontravam alguma coisa importante.

Passaram as últimas horas do dia naquela caçada. A movimentação da

máquina compactava ainda mais a terra e obrigava o tratorista forçar a mão mecânica para cavar mais profundamente.

Quando pensaram em desistir da procura, surgiram os primeiros vestígios do Synobélias. Recolheram vários alevinos. Todos eles, esmagados pela mão mecânica ou sob o peso do aterro que comprimiu o solo alagadiço. Nenhum peixe foi encontrado com vida. Nenhum que esboçasse o menor sinal de encontrar sobrevida quando era mergulhado na água limpa. Como nada podiam fazer, começaram a recolher amostras do solo no desejo de estarem coletando ovas não eclodidas. Era última esperança de reencontrar o pirá-brasília.

Quando o dia findou e a noite se fez presente, o senhor Oinotna anunciou o fim da expedição. Disse que não havia mais o que fazer: fora um trabalho inútil.

E foi assim, que a outrora alegre e destemida expedição retornou com o semblante pesado e o coração partido. Aqueles que tanto se queixaram do trabalho, já não reclamavam os músculos doloridos. A única dor que sentiam, era dor da decepção.

Cada membro da expedição retornou para o aconchego do lar, como se houvesse retornado da mais longa e árdua batalha. Só o tempo será capaz de fazê-los esquecer a decepção e o desengano.

Capitulo 5

Depois daquele dia, o ecologista teve que fazer uma longa viagem e não pode ser encontrado tão facilmente. Quando partiu, informou que ninguém precisava se preocupar com os peixinhos do aquário. Tudo fora bem arranjado. E as crianças que sempre eram as mais curiosas para descobrirem qual seria o resultado, ficaram espreitando seu regresso.

A terceira e decisiva semana, foi longa e causou mal estar em todos que participaram da expedição.Todos os dias ligavam para a casa do senhor Oinotna. E sempre obtinham a mesma resposta: - Não se preocupem... os peixinhos estão crescendo. Logo poderei dar meu veredito!

Os pais estavam cientes de que o ecologista tinha lá seus motivos para assim agir. E, por isso mesmo, não queriam forçar um julgamento precipitado. Uma resposta negativa iria causar comoção nas suas crianças.

Os dias iam se arrastando, como se a falta de uma resposta fosse capaz de fazer o dia se alongar além do que lhe era devido. As crianças já não se davam por satisfeitas com respostas evasivas e promessa de final feliz. Num belo dia fizeram um piquete na entrada do casarão para falarem com o ecologista. Só queriam conversar. Falar de seus planos e tirar suas próprias conclusões.

E foi assim, que, ao cair da tarde, começaram fazer fila no portão. O sol brilhava no horizonte, mas ninguém foi capaz de atinar que aquela não era uma hora propícia para falar com o dono da casa. Se bem, que todos que ali se fizeram presente, tinha pleno conhecimento de que aquele homem não gostava de receber visitas quando era luz do dia.

Pesava contra o ecologista, uma série de intrigas e boatos. E de toda sorte de boataria, a de que tinha um pacto com o bicho da cara preta era a de menor fundamento.

Dentre os piqueteiros, o menino Eduardo era o mais vigoroso em repudiar um certo boato de que o ecologista não suportava ser tocado pelos raios do sol. Estava convicto de que era tudo não passava de mentira. Um estratagema para afastar as pessoas do casarão e da amizade daquele homem.

— O Eduardo está certo! — gritou, Janaína.

— No dias da expedição o senhor Oinotna passou o dia ao nosso lado e

não sentiu nenhum mal estar.

— Sei não.... sei não.

— O que foi Rogério, você é desses que pensa que ele é algum tipo de vampiro?

— Muito pelo contrário! Eu só estou lembrando de uma coisa...

— Ih! Que coisa? — gritaram todos.

— Se me lembro bem... não teve sol naquele dia.

— Claro que teve! — gritou, Eduardo. – Era dia! Estava claro como qualquer outro dia.

— Sei que era dia... mas não tinha sol. Sol como agora!

— Ih!, sei não... essa história não está cheirando bem. — sussurrou Janaína. — Se não teve sol, então o dia não valeu. — concluiu Janaína.

Aproveitando-se daquela suposta idéia de que o ecologista poderia ser um vampiro, passaram a conversar sobre o enredo dos filmes da televisão. Vampiros, morcegos, e o tal Conde Drácula, passou a ser o tema preferido.

As crianças estavam convictas de que os boatos não passavam de invenção. No entanto, tinham lá suas dúvidas se eram verdadeiramente mentiras ou imaginação. Se aquele foi um dia de muitas chuvas e, se o ecologista não foi tocado pelos seus raios do sol, não havia como afirmar que era tudo mentira. E, por esse motivo, essa dúvida perdurou por longos anos.

— Senhor Oinotna! — gritou Rogério.

— Só um momento, meu rapaz...

E foi uma longa espera. Uma longa espera que almejavam, ardentemente, interromper naquele dia. Muito depois, o ecologista atravessou o pomar e foi ter com eles. Permitiu que entrassem na sua propriedade. Mas exigiu, de todos eles, silêncio. Informou que era preciso respeitar o silêncio na hora do silêncio. As crianças se entreolharam, mas ninguém entendeu o porquê daquele pedido. Acharam por bem obedecer.

O relógio já assinalava dois quartos da décima nona hora, os pássaros gorjeavam no pomar, e o som de um rádio de pilha podia ser escutado, ao longe.

Após cumprir um rigoroso silêncio de quinze minutos, o dono foi ter com seus visitantes.

— Meus jovens amigos... Fico muito honrado com esta visita. Em que posso ajudá-los?

— Nós só queremos ver os peixes. – respondeu Rogério.

— Hora!, mas se é só isso, corram até o aquário.

As crianças passaram um bom tempo admirando os aquários. Os peixes que haviam coletados na expedição mereceram um aquário só para eles. Por algum motivo, tiveram certeza que nenhum deles possuía as características do pirá-brasília. Retornaram para indagar o senhor Oinotna.

— Senhor Oinotna!, capturamos o pirá? — indagou Janaína.

— No momento, não posso dar meu veredicto...

— Mas seu Oinotna... Já estamos na terceira semana!

— Eu sei... Entretanto, gostaria da contar com a presença de todos que participaram da expedição.

—E quando vai ser? —– indagou Edu.

— Vou convocar seus pais para uma reunião no próximo domingo...

— E a vovó? Ela não participou da expedição. — indagou Janaína.

— Quero contar com a presença de todos. Da vovó Antonia e da Jamilly, também.

— Mas se não for o pirá-brasília, a Jamilly vai chorar!

— Eu sei. Mas se não podemos mentir para nós mesmos, não podemos querer que só alguns saibam da verdade.

As crianças não quiseram fazer nenhum outro questionamento, pediram desculpas e foram embora. Já era tarde, e não queriam levar preocupação para os pais. Pelo caminho, cada qual procurou dá sua conclusão sobre o que vira. E todos eles, concordaram que a possibilidade de terem encontrado o Synobélias era muito remota. Do contrário, o ecologista seria o primeiro a querer dar a notícia. Aquele silêncio e excesso de zelo, era a prova de que precisavam para entender porque tanta demora no seu estúpido veredicto. Um veredicto que não servia para nada!

Com a partida dos visitantes, o ecologista resolveu conferir pela última vez como andava o desenvolvimento de suas crias. Na semana anterior transferia os peixes para um aquário maior, com melhor visibilidade. O aquário do qual se utilizara nas duas primeiras semanas, era pequeno e de vidro pouco translúcido. Aproveitou a oportunidade para semear no fundo do recipiente a terra que recolhera no local da captura. Era uma terra escura e barrenta, ideal para a desova daquele espécime de Synobélias.

Por diversos dias, percebeu-se com a lupa na mão tentando encontrar nos novos alevinos algum traço do pirá-brasília. Os peixes nem sempre colaboravam com o seu trabalho e, encontravam refúgio no fundo do aquário. Agiam como se fossem autênticos synobélias, que se enterram no barro para desovar.

Dos três alevinos capturados pelo menino Rogério, só lhe restavam dois. E esses dois, estavam ganhando traços e coloração que destoava da que lhe era esperado.

“Quanto mais crescem, quanto mais assemelham aos espécimes da família dos ruvulídios!, pensou ele. Mas que falta de sorte!, tenho certeza de que aquele que morreu era um pirá-brasília.”

O casarão do senhor Oinotna estava iluminado quando o último membro da expedição chegou. Com o avental na mão e as panelas no fogão, a vovó Antônia aguardava o momento para servir uma suculenta ceia. Preparara para aquele momento seu saboroso bolo de chocolate branco que era para comemorar um resultado feliz. Prevendo que suas guloseimas não seriam

suficientes para afugentar a tensão do momento, procurou injetar novo ânimo na equipe.

— Nada está perdido, crianças! Os peixinhos no aquário são a prova de que o pirá-brasília ainda vive! — previu ela, sem firmeza de conhecimento.

Todos sorriram, e voltaram os olhos para o senhor Oinotna.

Ele também sorriu, meio sem jeito. Teceu um extenso elogio à vovó Antônia, e agradeceu sua gentileza em preparar a ceia, ele não levava jeito com a coisa.

Logo em seguida, o vovô Biu rompeu pela porta adentro e disse que já podiam começar a reunião, todos estavam presentes. Jamily correu para os braços do vovô, e ficou agarrada no seu pescoço.

Avaliando a gravidade da situação, o ecologista entendeu por bem, ficar refém da situação. E disse que era muito provável que pelos menos um dos alevinos fosse o pirá-brasília.

E todos ficaram mais animados. Esperançosos de que assim fosse.

Alguns propuseram organizar uma nova expedição, em outras regiões da cidade por onde o homem não houvesse alterado o ecossistema local. Rogério era a voz mais forte neste grupo.

A proposta foi bem aceita, mas ficaram de discutir o caso em outra oportunidade.

Após discorrerem sobre várias possibilidades, o ecologista resolveu ir direto ao ponto que interessava.

— Amigos!, quero informar que mesmo sem alcançarmos o resultado esperado, nossa missão foi coroada de êxito! Jamais imaginei reunir tantas pessoas preocupadas com a ecologia e a causa preservacionista.

Neste momento, Jamilly desembaraçou-se dos braços do vovô e postou-se ao lado do senhor Oinotna. E, a exemplo dos demais, ficou atenta à sua fala.

O ecologista ficou admirado com seu comportamento de pessoa amadurecida, e, continuou em tom enigmático:

— Não podemos permitir que o homem em sua insana interpretação da prosperidade destrua o pouco que nos resta da natureza. Temos, temos... — repetiu, ante o olhar duro dos adultos. —...temos o dever de mover céu e terra para preservar as veredas desta região! Nenhum progresso, por mais promissor que possa ser, será capaz de substituir a harmonia que a natureza empresta ao homem.

O eloqüente pronunciamento do orador estava carregado por uma tonalidade de rebeldia. O ardor de suas palavras ecoava no silêncio mórbido do recinto, como se fosse um chicote cortando o ar da noite.

As crianças estavam atentas, mas permaneceram tristonhas, comungando pensamentos não revelados. E do seu lado, os adultos ficaram incertos quanto ao rumo que poderia tomar aquele inflamado discurso, permitiram que a face estampasse uma grossa ruga de preocupação.

O orador prosseguiu, em tom ameno:

—...tenho em mãos documentos que dão prova da existência do Synobélais nesta região. No entanto, esta região também é rica em Ruvulídios, uma espécie muito comum, e que muito se assemelha ao pirá-brasília — fez outra pausa para melhor avaliar a reação dos presentes.

Aquela era uma noite de lua cheia. O luar varava o velho e desgastado telhado colonial e pintava os moveis com minúsculos fachos de luz. Jamilly se engraçou com aquela visão e correu até o fundo da sala, onde ecologista depositara os recipientes que foram trazidos do riacho. O aquário que fora utilizado como berçário para os primeiros dias de vida dos alevinos, estava depositado na prateleira mais baixa, na altura de seus olhos. O pequeno cubo de vidro estava cheio de água. E a menina percebeu que alguma coisa correu no interior do recipiente turvando a transparência do líquido.

A sala estava em silêncio e platéia emudecida aguardava a palavra final do ecologista. No canto de cada boca podia ser divisada uma dobra de tristeza. Porém, ninguém ousou intervir na sua fala e tentar mudar o rumo de suas conclusões.

— Fico muito feliz em informar, que, no material coletado no riacho, encontrei algumas ovas ainda não eclodidas... Se tivermos sorte, e se algumas delas permaneceram invioladas, em poucos dias saberemos se são do pirá-brasília ou de outro Synobélias.

— Quanto tempo, tio? — indagou Rogério.

— Não posso afirmar, mas creio que duas semanas serão suficientes.

— E os peixes que capturamos?

O ecologista cerrou o semblante e se exaltou quando se pôs a falar:

— Posso afirmar, sem nenhuma sombra de dúvida, que nenhum deles é um pirá-brasília. E faço essa afirmação, tomando com regra que nenhum possui barbatanas dorsais idênticas à do pirá.

— Qual a importância das barbatanas? — quis saber vovó Antônia.

— Bem... as barbatanas do pirá-brasília diferenciam-no de outros da sua espécie.

— Como assim? — insistiu ela.

— É muito simples. Nos machos as barbatanas dorsais são maiores e apresenta um maior número de raias. Este é um detalhe marcante no pirá-brasília.

— É só isso? — perguntou a senhora Nicolau, preocupada.

— Claro que não! Existem outras particularidades somente nele encontradas. No entanto, no seu aspecto visual, esta é a mais marcante.

— E se essas ovas que o senhor encontrou não forem do pirá-brasília? — insistiu a vovó.

— Neste caso, se não for do pirá... com toda certeza será uma espécie ainda não catalogada.

— Tio Oinotna, se o peixe não for catalogado, posso ficar com ele?

— Claro, meu rapaz! Não só pode, como deve escolher um nome para ele.

— Quer dizer que ele poderá se chamar Rogério?

A platéia sorriu e bateu palmas. O peixe poderia se chamar Synobelias-Rogério ou Synobelias-amigos-do-pirá-brasília, uma homenagem póstuma ao peixe tão procurado.

Após muita conversa e outras explicações técnicas do ecologista, a reunião foi encerrada. A vovó Antonia serviu a mesa e pediu para ninguém ficar triste com o acontecido. A esperança ainda não morrera, as ovas era um prova de que tudo era possível. E quem pode garantir que se todos elas eclodirem não teremos uma família de pira-brasília?

Enquanto as crianças se ocupavam da refeição, os adultos foram conversar no canto da sala. O senhor Oinotna tinha uma proposta a fazer, e queria saber se os demais o ajudariam na empreitada. Todos ouviram com atenção. E de todos que dela participaram o vovô Biu foi quem mais se empolgou com aquela proposta. Disse que faria tudo que estivesse ao seu alcance para não deixar a idéia morrer. Se, preciso fosse, reuniria outros amigos para colaborarem.

Poucos depois, já estavam escolhendo um nome para a nova organização. Uma eleição foi sugerida. E o nome escolhido foi: **Reserva Ecológica do Pirá-Brasília**.

A primeira providência sugerida foi a promoverem um abaixo-assinado objetivando tornar a bacia hidrográfica do Riacho Fundo no parque ecológico da cidade. Como a sugestão foi aprovada, ficaram iniciar a coleta das assinaturas já a partir do dia seguinte.

Enquanto todos estavam entretidos debatendo temas ambientais, Janaína deu por falta da Jamilly.

— Mamãe, cadê a Jamilly?

— Ela estava brincando no fundo da sala, minha filha.

— Jamilly, Jamilly! — gritou, Janaína.

— Tô, aqui!

— Aqui, onde, Jamilly?

— Brincando com o pecinho...

Antes de se dirigir ao corredor onde o ecologista guardava sua coleção de aquários, Janaína deu uma escapadela e pegou mais um pedaço de bolo. Não poderia perder a oportunidade de comer a última fatia de bolo de chocolate branco. Sua fome de bolo era maior que sua barriga.

Jamilly apontou para o pequeno cubo de vidro e falou: — pece.

— Rogério!, tem um peixe no aquário berçário.

— Tem nada!, sua boboca. Deve ser uma minhoca.

— Minhoca nada, seu bobo. É um peixe! É um peixe!

O senhor Oinotina achou improvável aquela descoberta. Contrariado com os olhares de indagação, foi até lá, para ver com os próprios olhos. Ele estava certo de no aquário não havia nenhum peixe. Afinal, dos três que lá colocara, uma morrera tão pequeno que não foi capaz de encontrá-lo. E os outros dois, foram transferidos para o aquário maior para que pudessem ter uma melhor condição de crescimento e vida.

"não há de ser nada, deve ser um graveto!", pensou.

Após recolher o recipiente e iluminar seu interior com a claridade do facho de luz, ficou boquiaberto, como se visse uma assombração. Limpou os olhos, vestiu os óculos que parecia ser fabricado com fundo de garrafa, e gritou:

— É o pirá-brasília! É o pirá-brasília! — e saiu pulando de alegria pela sala.

A aventura de capturar o synobélias foi uma lição para todos, e não será esquecida tão facilmente. Se a natureza agoniza, provocando catástrofes que dissipam a humanidade, é porque o homem não sabe respeitar e conservar o equilíbrio natural que governa seu mundo. Os riachos não são apenas insignificantes afluentes que alimentam os rios caudalosos. Eles são artérias que irrigam o solo ressequido e permitem que o coração do planeta terra permaneça funcionando.

Para felicidade geral, o grupo se manteve unido naquele mesmo ideal. Uma semana depois, já haviam colhido cem mil assinaturas. O tema da campanha era: **SE O PRESERVATIVO É PRECISO, PRESERVAR É MAIS DO QUE PRECISO.**

* * * * * * * * * * * * *

NOTA DO AUTOR:

A região onde, supostamente, o SYNOBELIAS (pira-brasília) foi encontrado está em avançado processo de devastação. Por décadas o manancial conhecido como bacia hidrográfica do Riacho Fundo vem sendo poluído por esgoto doméstico e águas servidas, pelo uso indiscriminado de defensivos agrícolas e pela ocupação desordenada do solo ribeirinho. A praga conhecida como urbanização tende a agravar ainda mais a situação calamitosa.

Na ultima década ocorreu uma paulatina e criminosa redução da área da zona do envoltório região onde floresce o cerrado. Esta prática, de grande apelo eleitoral, vem sendo patrocinada por setores nebulosos do Governo, proporcionando o surgimento de erosões de grandes proporções e a escassez de água no lençol freático. E como não poderia deixar de ser, a inexistência de uma política de preservação ambiental é um incentivo a mais para que a cadeia de ações destrutivas extirpe o que ainda resta do manancial nativo.

Brasília é uma cidade mística, e o misticismo pode ser observado até mesmo na concepção de suas construções mais modestas. No entanto, não há registro de que seres “lunáticos” tenham participação direta ou indireta neste acontecimento.

Só podemos afirmar que esta é uma história fantasiosa, não se pode dizer o mesmo do pirá-brasília: para alguns é uma lenda; para outros, como eu, não morre a certeza de que uma lenda não procria na transparência cristalina do aquário.

Dados sobre o Autor e sua Obra

ANTONIO VIRGILIO DE ANDRADE

Antônio Virgílio de Andrade, Poeta, Escritor e Contista, nasceu em dezembro de 1955, em Sertânia –Pernambuco; residiu no Rio de Janeiro, São Paulo, e hoje está radicado em Brasília; cidade da qual fora pioneiro de sua fundação. É Candango.

Virgílio de Andrade, permite-se o direito de navegar por todos os oceanos da literatura, é Autor de destaque da "**USINA DE LETRAS"**, revista on-line do Sindicado dos Escritores de Brasília, onde publica Contos, Crônicas, Poesias e Ensaios.

É colaborador do "Jornal Comunitário da Cidade Satélite do Riacho Fundo – Brasília", e outros jornais local; publica na revista on-line "POESIA & CIA", e outras do gênero.

Sua primeira e recente obra, **RASTILHO DE PROSA**, foi publicada em formato papel, lançada na **BIENAL/2000**, em São Paulo; e posteriormente, na **FEIRA DO LIVRO DE BRASÍLIA/2000,** e outros eventos de menor porte.

Recebeu menção honrosa do **Centro Cultural de Aricanduva** – São Paulo, com a Poesia SIMPLES. Participou da **"6° ANTOLOGIA" do Painel Brasileiro de Novos Talentos** – **CBJE**, Rio de Janeiro; e foi incluído na **"1° Coletânea Poética de Aricanduva",** promovida pelo Centro Cultural de Aricanduva" – São Paulo.

Além de sua carreira literária, desenvolve intensa atividade na "**ONG – AMIGOS DE BRASÍLIA**", Entidade voltada para ações de cunho filantrópico; e na qualidade de " vice-presidente, compõe o atual Conselho-Diretor do "**Movimento do Trabalhador Progressista – MTP-PPB",** desenvolve trabalho social;

No presente momento, promove revisão do Conto Infantil: "**CAÇADA AO PEIXE PIRÁ-BRASÍLIA"**, e do Conto Adulto: **"ÁGUA RASA NO RIACHO FUNDO**".